

## **Fascismo e antissemitismo à brasileira**

**Brazilian fascism and anti-Semitism**

**Fascismo y antisemitismo brasileños**

Guilherme Prado Roitberg<sup>1</sup>  
Mariana Bergo Damaso Silva<sup>2</sup>  
Edson Guilherme de Souza<sup>3</sup>  
Luiz Roberto Gomes<sup>4</sup>

### **Resumo**

O artigo aborda o tema do fascismo na contemporaneidade, a partir dos elementos do antissemitismo descritos por Adorno e Horkheimer em 1947 e por meio das evidências empíricas que marcam atualmente a adesão da sociedade brasileira aos movimentos autoritários e extremistas. A discussão teórica e a análise de situações empíricas nos permitem afirmar que existe um fascismo à brasileira com formas de adesão e expressão bastante peculiares. A questão das *fake news* é tomada como objeto de análise de um processo que tem sido cada vez mais preocupante, tanto em termos do número significativo de pessoas, que contribuem decisivamente para sua disseminação, como em termos de composição das forças de resistência estabelecidas pela sociedade civil em face do perigo que tais notícias representam à democracia, à formação da sociedade, ao futuro da humanidade e do planeta como um todo.

**Palavras-chave:** Fascismo; Antissemitismo; Autoritarismo; Teoria Crítica.

### **Abstract**

The article addresses the theme of fascism in contemporary times, based on the elements of anti-Semitism described by Adorno and Horkheimer in 1947 and through the empirical evidence that currently marks the adherence of Brazilian society to authoritarian and extremist movements. Theoretical discussion and the analysis of empirical situations allow us to affirm the existence of a Brazilian fascism, with very peculiar forms of adherence and expression. The issue of *fake news* is taken as an object of analysis of a process that has been increasingly

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisador visitante na University of Groningen (RUG, Holanda). Mestre em Educação e graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Email: [guilhermeroitberg@gmail.com](mailto:guilhermeroitberg@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0338-2270>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação (UFSCar) e graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Email: [marianabergo.d@gmail.com](mailto:marianabergo.d@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2819-9141>.

<sup>3</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Email: [edsonsouza@estudante.ufscar.br](mailto:edsonsouza@estudante.ufscar.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6687-6721>.

<sup>4</sup> Doutor em Filosofia da Educação pela Unicamp e pós-doutor em Ciências da Educação pela Goethe Universität – Frankfurt am Main. Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar. Líder do Grupo de Pesquisa: Teoria Crítica e Formação Ético-política (UFSCar-CNPq). E-mail: [luizrgomes@ufscar.br](mailto:luizrgomes@ufscar.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8867-7897>.

worrying, both in terms of the significant number of people, who contribute decisively to its dissemination, and in terms of the composition of the resistance forces established by society. in the face of the danger that such news represents to democracy, to the formation of society, to the future of humanity and the planet, as a whole.

**Keywords:** Fascism; Anti-Semitism; Authoritarianism; Critical Theory.

## Resumen

El artículo aborda el tema del fascismo en la contemporaneidad, desde los elementos del antisemitismo descritos por Adorno y Horkheimer en 1947 y a través de la evidencia empírica que actualmente marca la adhesión de la sociedad brasileña a movimientos autoritarios y extremistas. La discusión teórica y el análisis de situaciones empíricas nos permiten afirmar que existe un fascismo al estilo brasileño, con formas de adhesión y expresión muy peculiares. El tema de *fake news* se toma como objeto de análisis de un proceso que ha sido cada vez más preocupante, tanto por el importante número de personas que contribuyen de manera decisiva a su difusión, como por la composición de las fuerzas de resistencia instauradas. por la sociedad sociedad civil, ante el peligro que representan tales noticias para la democracia, para la formación de la sociedad, para el futuro de la humanidad y del planeta en su conjunto.

**Palavras chave:** Fascismo; Antisemitismo; Autoritarismo; Teoría Crítica.

## Introdução

Investigar a gênese do fascismo e do antissemitismo no Brasil é uma tarefa árdua e fundamental para a compreensão da sociedade contemporânea. Conforme demonstrou Bernardo (2015), o desafio é abordar o tema não a partir de fora, mas de seu interior, desvelando suas encruzilhadas sociais e políticas e os percursos paradoxais em que prosseguiram a sua ideologia. Para tanto, é necessário deciframos os silêncios da historiografia e a censura por parte das instituições, que impõem uma série de limites aos pesquisadores que preconizam examinar o tema a partir de uma perspectiva teórico-crítica.

Não intentamos traçar aqui uma história factual do fascismo e do antissemitismo no Brasil, tampouco considerar os dois conceitos de forma uníssona e homogênea. Tanto o fascismo quanto o antissemitismo possuem diferenças fundamentais e origens históricas distintas, amplamente exploradas pela historiografia. Ao investigar os antecedentes do fascismo na Itália, Hobsbawm (2008) denotou que Benito Mussolini (1883-1945) e seus *camicie nere* não se consideravam antissemitas até o ano de 1938, a ponto de o exército italiano ter se recusado a entregar judeus capturados para os campos de extermínio na Alemanha. Todavia, no decorrer do processo histórico, fascismo e antissemitismo acabaram

por se influenciar mutuamente a partir das transformações e apropriações de movimentos autoritários em diversos países. O auge dessa confluência ocorreu na década de 1930, capitaneada pelo nazifascismo alemão, conforme demonstraram Adorno e Horkheimer (2006).

A confluência entre fascismo e antissemitismo ocorreu por intermédio das teorias racistas de evolução social que, com a aceitação da comunidade acadêmica (FRIEDLANDER, 1995, p. 18-19) e a chancela das autoridades científicas, naturalizaram a competição social e a exploração capitalista. Essa estrutura teórica desenvolvida desde o final do século XIX promulgou, em nome do progresso e da razão, os mais cruéis preconceitos contra grupos racializados em diferentes países do mundo ocidental. A partir da “ciência do melhoramento racial” ou eugenia, intelectuais europeus associaram o progresso de determinados grupos humanos ao processo de evolução biológica, transpondo as noções do darwinismo para o terreno político-social (BETHENCOURT, 2018).

De acordo com Adorno e Horkheimer (2006), os fascistas não consideravam os judeus como uma minoria, mas sim como uma *antirraça*. A partir dessa lógica, o discurso conclamava a purificação racial, mediante o extermínio, e o movimento encontrou terreno fértil tanto entre os ditos fascistas, quanto entre os fascistas em potencial espalhados ao redor do mundo. Conforme Adorno: “O que não foi visto como ser humano, e, no entanto, é um ser humano, torna-se uma coisa, para que não possa mais refutar por nenhum impulso o olhar maníaco” (ADORNO, 1993). Aqui se encontra uma das chaves explicativas do holocausto.

Especificamente no Brasil, que aspectos do fascismo e do antissemitismo poderiam suscitar elementos de reflexão e discussão, no atual contexto de reconfiguração do conservadorismo e autoritarismo no mundo? Eis o objetivo, do presente artigo.

### **Fascismo e antissemitismo no Brasil**

Fundada por Plínio Salgado (1895-1975) em outubro de 1932, meses antes da ascensão de Adolf Hitler na Alemanha em janeiro de 1933, a Ação Integralista Brasileira (AIB) constituiu o maior e mais organizado movimento fascista da América Latina. Seu ecletismo doutrinário associou elementos do fascismo original e das teorias hegemônicas do fascismo europeu, que influenciaram autores brasileiros como Alberto Torres (1865-1917), Euclides da Cunha (1866-1909) e Oliveira Viana (1883-1951). Apesar de não se vincularem

organicamente aos regimes nazifascistas europeus, diversos militantes integralistas compactuavam com seus ideais racistas, anticomunistas, autoritários, nacionalistas e antissemitas (TRINDADE, 2016), com destaque para Gustavo Barroso (1888-1959), líder da AIB e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional (1922-1930), considerado o maior teórico do antissemitismo no Brasil (MAIO, 1992). Mesmo com a extinção formal do movimento em 1937 pela ditadura do Estado Novo (1937-1945), alguns de seus líderes assumiram posições de destaque no período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), dos quais: Raimundo Padilha (1899-1988), líder da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Alfredo Buzaid (1914-1991), ministro da justiça do governo Médici (1969-1974). Segundo os próprios militantes, os militares estavam “implementando muitas das ideias integralistas que não puderam ser aplicadas na década de 1930” (TRINDADE, 2016, p. 21).

O levantamento historiográfico empreendido por Carneiro (2012) indicou que as pesquisas sobre antissemitismo no Brasil tiveram início na década de 1970 e se intensificaram na década de 1990 com a abertura de arquivos policiais e diplomáticos, como o Arquivo Histórico do Itamaraty (RJ) e o acervo do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS), sob a guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Tais documentos desvelaram a existência de uma política antissemita no governo Vargas (1930-1945) e no governo Dutra (1946-1950), como também a persistência de mitos, negacionismos, censuras e deturpações históricas sobre o tema. Segundo Carneiro (2012, p. 80):

Além da farta documentação a ser investigada, os pesquisadores enfrentam reações adversas dos familiares de diplomatas (comprovadamente antissemitas) que insistem em manter biografias laudatórias sobre seus antepassados, como no caso de Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do governo Vargas (1937-1944), e Jorge Latour, Encarregado de Negócios do Brasil em Varsóvia e Roma (1936 e 1938), entre outros. Ainda hoje, em pleno século XXI, diferentes segmentos da sociedade brasileira continuam a cultuar falsos heróis, omitindo informações ou silenciando sobre fatos que, de certa forma, configuraram um perfil negativo ao personagem venerado como herói.

A perspectiva crítica proposta por Carneiro (2012, p. 80-82) nos permite constatar que o discurso oficial perante a Liga das Nações, que retratou o presidente Getúlio Vargas como o salvador da nação, e o Brasil como um país cordial, humanista, receptivo às etnias e religiões não passam de uma deturpação histórica. Em linhas opostas, as fontes recém-descobertas comprovam a *praxis* antissemita do Estado brasileiro, que durante os anos de 1937 a 1948 manteve circulares secretas com o objetivo de impedir a concessão de vistos a milhares de

judeus refugiados e sobreviventes dos campos de concentração. Arelada ao anticomunismo, a deportação de Olga Benário Prestes (1908-1942) para o Terceiro Reich no ano de 1936 compreendeu “um ato de colaboracionismo com a Alemanha nazista e expressão do antissemitismo político brasileiro” (CARNEIRO, 2012, p. 82-84).

No texto *O que significa elaborar o passado*, Adorno (2008, p. 2-4) alertava para a sobrevivência do fascismo nas sociedades democráticas e a ameaça representada pelo controle do passado. Longe de ser fruto do descaso ou acaso, o ato de apagar memórias seria um ato racional, deliberado e planejado. A distorção histórica pautada na negação ou amenização da barbárie e na culpabilização das vítimas constitui um dos grandes desafios que se apresentam aos pesquisadores comprometidos com a liberdade de informação e expressão. Como salientou Carneiro (2012), a digitalização dos acervos e sua disponibilização para consulta pública consistem em ações fundamentais para o fortalecimento da democracia na resistência contra a barbárie e suas investidas contra a memória.

Apesar dos termos *fascismo* e *conservadorismo* serem utilizados de forma genérica e muitas vezes imprecisa no contexto de ascensão da chamada *onda conservadora* no Brasil pós-redemocratização (ALMEIDA, 2019), a literatura especializada denota a permanência tanto de uma mentalidade quanto de práticas de cunho fascista no país sob a égide do bolsonarismo. Adormecida desde o contexto da abertura política, essa mentalidade veio à tona nas manifestações de rua do ano de 2013, nas eleições de 2014, no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (n.1947) em 2016 e aprofundada após a eleição de Jair Messias Bolsonaro (n.1955) em 2018. Vazquez (2019) caracterizou esse processo como uma reatualização de um *protofascismo* baseado no discurso anticorrupção, no nacionalismo, no anticomunismo, no militarismo e na criminalização dos movimentos sociais. Capitaneado pela classe média e angariando diversos setores da classe trabalhadora, esse movimento garantiu a eleição de um candidato autoritário com um histórico de ofensas e ameaças a movimentos quilombolas, trabalhadores, mulheres, indígenas e à comunidade LGBT.

Com uma base fortalecida e radicalizada, o bolsonarismo encarnou um projeto conservador gestado no país desde o final da ditadura militar (1964-1985), canalizando o discurso reacionário das chamadas bancadas *da bíblia, da bala, do boi* e de outras frações da extrema-direita (VAZQUEZ, 2019). Autores como Boito Jr. (2020) caracterizam tanto o governo quanto seu movimento de apoio como *neofascistas*, considerando a possibilidade da constituição de governos fascistas no seio das democracias burguesas sem a necessidade da

instauração de ditaduras. No caso de Bolsonaro, “um governo predominantemente neofascista, baseado num movimento neofascista” à frente de uma democracia burguesa deteriorada e situada na periferia do capitalismo internacional. A designação *neofascista* também é utilizada nos trabalhos de Mendes e Carnut (2020) e Cavalcante (2020), enquanto Silva et.al (2019) conceitualiza o bolsonarismo como uma fusão entre liberalismo e fascismo no comando de um Estado pós-democrático que, no contexto da pandemia da Covid-19, assumiu sua propensão *necroliberal* de extermínio dos mais pobres (SILVA et.al, 2019).

Baseado nas pesquisas realizadas pela antropóloga Adriana Dias da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e nos dados levantados pela ONG *Safernet*, que demonstraram um crescimento exponencial das células neonazistas no Brasil com o advento do bolsonarismo, o relatório associa o empoderamento dos grupos extremistas às manifestações de ódio contra minorias por parte dos membros do governo. Além disso, explicita o processo de nazificação da sociedade brasileira, com um forte apelo xenofóbico, racista, fascista e antissemita. Tal quadro se agravou com o advento da pandemia da Covid-19, contexto em que os discursos xenofóbicos sobre o “vírus chinês” e a “conspiração comunista internacional” encampada pelo clã Bolsonaro e pelo então ministro da educação Abraham Weintraub (n.1971) foram acompanhados por uma nova onda antissemita mundial, que acusa os judeus de serem os criadores do coronavírus (BRENER; GOLDENBAUM; BRAIA, 2020).

De acordo com Barrucho (2020), a constante aparição da bandeira de Israel em perfis de militantes nas redes sociais e nas manifestações pró-Bolsonaro dividiu a comunidade judaica brasileira, o que levou a Confederação Israelita do Brasil (CONIB), o Instituto Brasil-Israel (IBI) e o grupo Judeus pela Democracia a reafirmarem seu compromisso com a democracia e a repudiarem os movimentos que atentam contra as instituições. Criticada pelos bolsonaristas antissemitas no fórum *Stormfront.org* (ALESSI; HOFMEISTER, 2019), a aproximação entre Bolsonaro e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu (n.1949) representa um aceno aos Estados Unidos da América e ao eleitorado evangélico neopentecostal pró-Israel, mas não escamoteia as diversas manifestações antissemitas por parte do governo brasileiro. Publicado no dia 16 de janeiro de 2020, o pronunciamento do então secretário da cultura Roberto Alvim (n.1973), que plagiou trechos de um discurso do ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels (1897-1945) ao som de uma composição do antissemita Richard Wagner (1813-1883) - compositor preferido de Adolf Hitler – não deixou



dúvidas sobre a presença de simpatizantes dos regimes totalitários de extrema-direita não somente na base de apoio, como no interior dos quadros do governo (ALESSI; HOFMEISTER, 2020).

Conforme demonstrou Bernardo (2015, p. 8), a história do fascismo não está concluída, pois “o fascismo é ainda uma realidade em suspenso”. Sua permanência sob a forma de grupos paramilitares e das 334 células neonazistas espalhadas pelo Brasil (ALESSI; HOFMEISTER, 2020) denunciam que ele “foi destruído militarmente sem estar política e ideologicamente esgotado” (BERNARDO, 2015, p. 8). Da mesma forma, o recrudescimento das manifestações antissemitas durante o governo Bolsonaro denota não apenas a relevância do tema, como também a gravidade do problema, principalmente porque se constitui como uma séria ameaça à democracia e aos direitos humanos. Como nos advertiu Adorno (2008), o fascismo sobrevive não porque seus partidários resistem a aceitar a sua morte, mas porque a disposição por suas práticas permanece viva.

### **Os elementos da adesão ao fascismo no Brasil**

Pensar as práticas de adesão ao fascismo no atual contexto global de aprofundamento e metamorfose das dinâmicas de mercantilização, e em um país como o Brasil, marcado por profundas desigualdades, resultantes da sua posição periférica ocupada na dinâmica econômica mundial, exige a compreensão dos mecanismos de adesão a uma política de extermínio, que determina os processos de socialização presentes em nosso cotidiano. Conforme Maar (2007), uma das marcas constitutivas do Brasil é a negação de reconhecimento de humanidade e de acesso às condições que realizam tal humanidade à maioria da população. Sob o mito da democracia racial, a desumanização se torna o modo de operação da totalidade social. Evidencia-se, dessa forma, a principal característica do fascismo, capaz de envolver até mesmo aquele que não seria, em tese, o alvo direto do extermínio, mas que também terá sua vida totalmente afetada pelas consequências do fascismo.

A partir da lógica apresentada por Adorno e Horkheimer (2006), compreende-se que o fascismo busca eliminar os elementos que de outra maneira impediriam a progressão do sistema. Isso faz com que aquilo que não pode se adaptar, ou que aponta para a possibilidade da diferença, seja transformado em signo de perseguição. Em outras palavras, o objeto de

ódio é sempre aquilo que representa o diverso, ou seja, a alteridade enquanto possibilidade e oposição. Nesse sentido, alguns paralelos podem ser feitos para evidenciar a manutenção da lógica do fascismo entre o antissemitismo alemão e a política de precarização da vida no Brasil. O judeu, entre outras características, encarna no imaginário antissemita a figura do estrangeiro que ocupa um lugar ao qual não pertence. Assim, a ameaça por ele representada evidencia-se de maneira afirmativa, ou seja, eliminar o judeu significa eliminar também a ameaça (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Por sua vez, no Brasil, o que atrai o ódio e se transforma em alvo das políticas de cunho fascista é a classe trabalhadora precarizada, bem como tudo aquilo que, ao invés de invisibilizar a sua condição ou de naturalizá-la, marca a sua existência, como por exemplo, o discurso e a atuação dos movimentos e partidos progressistas (LOWY, 2015). Ou seja, se na relação com o judeu, o seu extermínio pretendia devolver uma posição que, segundo o discurso antissemita, não lhe era legítima, a ameaça representada pela precarização das condições de vida, não mobiliza como resposta a revolta contra a desigualdade social, mas pelo contrário, o ódio contra aquilo que a evidencia.

Tal fascismo tem como razão e prática a repressão cotidiana e a mobilização ideológica para manter a naturalização da exploração, de maneira que, junto à determinação do modo de organização das forças produtivas e das dinâmicas de extermínio a elas associada, sejam reproduzidas práticas de adesão, aprofundando assim a verdade da desumanização que se generaliza a partir do foco no grupo eleito para o extermínio. Uma das características que decorre então, da progressão da racionalidade fascista para além do antissemitismo, é que ela alcança e dá forma a posições que deveriam se exercer de modos opostos, mas que se igualam, constituindo um todo social no qual “o bem e o mal conhecem o mesmo destino” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 170).

Nesse sentido, a impossibilidade de afirmação da diferença, que marca o fascismo, se apresenta também na incapacidade de caracterizar corretamente contra o que a oposição deve ser construída, e assim como acontece com os adeptos do antissemitismo, o setor progressista falseia o seu inimigo, restringindo o opositor a confrontos e embates que apenas alcançam as ramificações da estrutura de poder principal. Tal quadro de engessamento da capacidade de oposição revela-se na marca dos movimentos fascistas contemporâneos: a sua articulação (BRAY, 2019). Essa contorna práticas e discursos que não se manifestam expressamente, proclamando supremacia racial, permitindo que o fenômeno se manifeste de maneira mais popular e disseminada.



Assim, compreender a persistência do fascismo tem a ver com a elaboração das dinâmicas de adesão que constituem a base que lhe é característica. Do mesmo modo, iluminar o cenário de autoritarismo no Brasil hoje, encabeçado pela eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república, exige o retorno à compreensão dos episódios que forjaram a sua ascensão e vitória nas urnas. Aqui se considera que tais episódios têm como marco histórico as manifestações populares de junho de 2013, evento que se estabelece como ponto central para articular um entendimento acerca do cenário político recente do país. Desse modo, para além das diversas análises acerca do significado de tal momento e dos fatores institucionais que lhe constituem (NOBRE, 2020), é importante identificar os elementos que se fizeram presentes nas mobilizações ocorridas naquele momento.

Os protestos que tomaram o país, em junho daquele ano, têm como característica importante o fato de não terem sido organizados prioritariamente por partidos ou movimentos sociais, mas de emergirem de demandas diversas e não centralizadas (NOBRE, 2020; REBUÁ, 2019). Tendo como referência tal marco, desponta como perspectiva de análise tanto a necessidade de compreensão dos eventos e conjunturas anteriores quanto os seus desdobramentos posteriores. Com relação às condições anteriores vale notar que, como bem aponta Nobre (2020), que o Brasil não vivia ainda um período de recessão, ao contrário, o país teve a menor taxa de desemprego desde o início da série histórica em 2002. No que diz respeito aos desdobramentos, o que se sucedeu foi o evidenciar da falha de um modelo democrático que não mais dava conta de operar conciliações e que não foi capaz de absorver as demandas que tomaram corpo naquele momento.

Considerando tais aspectos, o que se nota de início é a capacidade de mobilização crescente já presente entre a população. Pode-se dizer que, dado as políticas de distribuição de renda e investimento em serviços públicos realizados pelos governos anteriores, houve uma espécie de fortalecimento da esfera pública ampliando os espaços para a participação popular, o que permitiu a disposição para a reivindicação, ainda que não houvesse um cenário de fragilização e ataque às condições materiais de existência, que viriam a se suceder nos anos seguintes. Por outro lado, ao considerar os desdobramentos dos eventos, observa-se a presença de um duplo esgotamento da política de conciliação até então adotada (NOBRE, 2020), manifestada tanto por parte das demandas populares, levantadas frente às ameaças de

retiradas de conquistas, quanto por parte da classe média, descontente, frente à ameaça identificada pelo aumento do poder aquisitivo também das classes mais baixas.<sup>5</sup>

Percebe-se assim, que a estabilidade vivenciada durante o período da redemocratização do país tem a sua fragilidade exposta em 2013, da qual decorre o colapso que foi fundamental para permitir a eleição de Bolsonaro e as condições para a sua manutenção no poder. A incapacidade de absorção das demandas populares, dada a falha do projeto democrático até então em andamento, e acompanhada, também como resultado dessa falha, pela desmobilização dos setores políticos progressistas, gerou um clima de frustração que terminou sendo capturado pelo populismo autoritário que constrói assim, as bases de realização do seu governo (ZAMORA, 2020). As energias mobilizadas em 2013 e frustradas na realização das suas demandas são, em um processo muito ocupado pelo ressentimento (KEHL, 2013), capturadas na projeção da imagem de inimigo em determinados grupos identificados como responsáveis pelos problemas que dispararam tais anseios de revolta.

A manutenção do princípio de autoconservação que sustenta o ego fragilizado daqueles predispostos ao fascismo, promove a adesão à ideia, por exemplo, de que os indivíduos são responsáveis por sua própria condição marginalizada e não devem ser objetos de políticas públicas. Entretanto, o motivo pelo qual é característico dos alvos do fascismo serem figuras destituídas de poder econômico é justamente o fato de serem esses os que autorizam as críticas ao sistema econômico e político hegemônico, e que poderiam permitir “tornar consciente aos indivíduos o caráter irracional de sua compulsão à adaptação social” (ALVES JUNIOR, 2020, p. 29). Por esse motivo, devem ser percebidos não em suas determinações históricas, mas como inimigos a serem perseguidos e exterminados.

O aspecto básico do autoritarismo, a figura borrada e ameaçadora do outro, proveniente de uma característica estrutural que impede processos de identificação e diferenciação, deixa espaço para que a propaganda seja aquilo que promove a coerência social (ALVES JUNIOR, 2020). Na ausência de condições para a formação, em um espaço esvaziado à experiência do sujeito, a propaganda se torna virtualmente a substância da coisa mesma, como ocorreu com a figura dos judeus na Alemanha nazista. Como indicado por Adorno (2019), a inversão presente no fato de que a organização social se impõe como

---

<sup>5</sup> No dia 6 de junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) levou para as ruas a mobilização contra o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trens em São Paulo, ato repetido no dia seguinte. "Não é pelos 20 centavos" eram dizeres comuns nos cartazes dos manifestantes, fazendo referência ao aumento da passagem em São Paulo, que subiria para R\$ 3,20 (ODILLA, 2018).

ameaça à vida dos indivíduos que a constituem, permite identificar que os movimentos radicais de direita transformam a propaganda na própria substância da política, substituindo o debate e orientação pela verdade pela distorção e mentira consentida. Essa deve ser defendida por aqueles que nada têm a ganhar de tal sistema além da satisfação perversa na sobrevivência condicionada à adesão ao cálculo do extermínio como regra, cujo ápice é alcançado no fascismo.

Desse modo, ao ser o mecanismo de controle para impedir que práticas de alteridade e oposição sejam constituídas, o fascismo depende de um aparato não apenas de extermínio, mas também de mobilização ideológica, que mantenha o seu funcionamento (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Essa é a dinâmica das chamadas *fake news*, isto é, a circulação em massa, e preferencialmente pela internet, de informações falsas veiculadas como verdadeiras, e de conteúdos por vezes absurdo e caricato.

### **Expressão do fascismo e do antissemitismo: o problema das *fake news***

Desde 2016, os efeitos das *fake news* têm sido discutidos nas democracias, principalmente quanto a seu papel na difusão de informações falsas, e influência nos resultados de eleições e plebiscitos (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; DELMAZO; VALENTE, 2018). O conteúdo das *fake news* é, geralmente, formado de ideias e opiniões absurdas, sem conexão com acontecimentos reais, às quais os sujeitos permanecem obstinadamente agarrados, mesmo depois de demonstrada sua inverdade. Muitos trabalhos recorrem à explicação de que tal comportamento é devido à defasagem cognitiva ou falta de conhecimento (GELFERT, 2018; BAKIR; MCSTAY, 2018; OSMUNDSSEN *et al.*, 2020). Outros se debruçam sobre o funcionamento das redes sociais, dos algoritmos e das contas falsas que espalham *fake news*, objetivando fundamentar um modo de detecção dessas mensagens e conter seu espalhamento (SHAO *et al.*, 2018; LAZER *et al.*, 2018; BAKIR; MCSTAY, 2018).

Numerosos artigos discutem a definição de *fake news* (RECUERO; GRUZD, 2019; OSMUNDSSEN *et al.*, 2020). Embora não haja consenso, concorda-se que as *fake news* são uma tentativa deliberada de apresentar conteúdos falsos ou sem embasamento real como se fossem verdadeiros, numa tentativa de imitar o formato de notícias com objetivos de desinformar (TANDOC JR.; WEI LIM; LING, 2018; GELFERT, 2018). Desde que as mídias

tradicionais de notícias se aproximaram das redes sociais, aderindo a seu formato, ficou mais fácil imitá-las (LAZER *et al.*, 2018; ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). Todavia, algumas *fake news* são vídeos e áudios distintos do formato de reportagem, o que não impede que sejam passadas e repassadas em mensagens privadas, dificultando sua detecção – como o que ocorre no aplicativo *WhatsApp*. Quase não há menção a estes casos na literatura, contudo, eles são indícios da grande adesão a tais notícias. Ainda há incerteza se o termo deve ser aplicado àqueles casos em que o erro sobre os fatos noticiados é acidental. Embora tais descuidos possam acarretar problemas, o que está em questão é a dinâmica interna e externa aos indivíduos que promove a produção e reprodução de *fake news*, a partir desses erros e de opiniões pessoais.

Adorno (2005) escreve que se acredita existir uma distinção entre “opinião normal”, que estaria fundada em fatos, e “opinião patológica”, alienada dos fatos, e que as opiniões normais prevaleceriam frente às patológicas. No entanto, estas últimas – deformadas por preconceitos, crenças infundadas e superstições – encontraram seu caminho ao longo da história. Sua persistência pode ser demonstrada pela adesão às *fake news*. Adorno (2005) comenta que, apesar de seu elemento de irrealidade, “o mundo objetivo está se aproximando da imagem que a mania de perseguição faz dele” (p. 119, tradução nossa) – vide a vigilância das redes sociais sobre a vida privada –, o que impele a tomar a opinião patológica e as *fake news* como um momento verdadeiro da realidade.

De acordo com Adorno (2005), a sociedade não cumpre as condições que dariam sentido à expressão da opinião. Em 2020, o *Inquérito das Fake News*<sup>6</sup> no Supremo Tribunal Federal acendeu a discussão sobre o tema no Brasil. Trata-se de investigação aberta para averiguar a existência de notícias falsas difamando a Suprema Corte. Em junho, após arguição por inconstitucionalidade e censura, foi realizado um julgamento que decidiu pela continuidade do inquérito. O argumento é desarmar a “máquina de desinformação” planejada para desacreditar instituições democráticas, com fins de instituir o caos e recorrer a soluções totalitárias (AMORIM, 2020). Os decanos afirmaram que as manifestações de ódio, as ameaças à vida, a difamação às instituições e os pedidos de instauração de regimes ditatoriais – encontrados nas *fake news* contra o STF – são ações indignas da proteção constitucional da liberdade de expressão. Com efeito, para Adorno (2015), este conceito pressupõe uma sociedade livre composta de indivíduos emancipados. A livre expressão presumiria uma

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=445860&ori=1> e <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53003097>. Acesso em 23/08/2020.

identidade entre a consciência individual e um interesse universal racional; mas tal identidade se encontra obstada. A atual organização produz e reproduz condições que acarretam a regressão dos sujeitos e a não liberdade.

No progresso do conhecimento, a ideia de verdade acaba sendo atenuada como uma união de opiniões tomadas como verdadeiras (ADORNO, 2005). Com os crescentes relativismo e individualismo, o pensamento teórico é destituído do poder de analisar a realidade; esta se aproxima de “[...] um caos de ideias e forças acidentais e desorientadas, cuja cegueira dirige a totalidade social à sua ruína” (p. 115, tradução nossa). Tentativas metafísicas de enxergar uma racionalidade nesse todo arriscam ser megalomaniacas em sua arbitrariedade sem autorreflexão. Por outro lado, o positivismo atribui verdade à existência sem julgá-la, entregando a realidade a um destino mítico; com isso, só resta ao sujeito curvar-se “[...] de maneira humilhante diante da dominação” (ADORNO, 1993, p. 85). A verdade requer imaginação tensionada com receptividade aos fatos; ela não significa curvar-se aos fatos, nem criar fatos a partir de si mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A opinião é uma afirmação subjetiva, individual e provisória, que pode ser confirmada apenas posteriormente. Ao desvendar a realidade, o sujeito deve refletir sobre a opinião emitida, evitando sua hipóstase. Porém, ao se tornar pública, ela é protegida de tal revisão pelo *narcisismo* – a tendência a tomar seu próprio eu como objeto de amor, de maneira reprimida (ADORNO, 2005). Afirmar sua opinião, tornar públicos seus valores e ideias, tem sido associado, ao longo da história, à nobreza e à autoridade, à capacidade de dizer o que se pensa; algo próprio das classes dominantes. Com isso, a opinião é investida de afeto e qualquer ataque a ela é percebido como injúria pessoal. Disso resulta a teimosia e o apego a declarações falsas. Para defender-se do ferimento narcísico, o indivíduo faz *racionalizações*, isto é, usa mecanismos racionalistas e lógicos para defender irracionalidades. Nisso, inventa sistemas conceituais falsos para defender seu ponto de vista e a absurdidade é protegida por muralhas esquemáticas. Essa espécie de isolamento subjetivo é hoje reforçada pelo funcionamento das redes sociais, que, automaticamente, apresentam aos usuários conteúdos com os quais ele já demonstrou afinidade, poupando-os do confronto com ideias contrárias (MARIANI, 2018; SHAO *et al.*, 2018; BAKIR; MCSTAY, 2018; RECUERO; GRUZD, 2019). Adorno (2015) argumenta que essa é uma característica de propagandas fascistas, reforçar preconceitos e crenças já existentes. Os acólitos são atraídos porque elas verbalizam

opiniões que eles ainda não tinham coragem de externar, mas com as quais, em seu íntimo, já concordavam.

A proliferação de opiniões diz da objetividade que tem se tornado mais difícil de enxergar à primeira vista. A persistente irracionalidade da sociedade – que é racional apenas em seus meios, não em seus fins – torna opaco o destino do indivíduo, dotando-o de um caráter mítico (ADORNO, 2005). As opiniões patológicas se fazem necessárias para tolerar a dominação, que segue como princípio da sociedade: todos têm que ter um pouco de delírio de perseguição (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Porém, essa espécie de loucura reforça a integração a sistemas totalitários. Ao apegar-se a ideias que têm uma lógica, mesmo que ilusória, evita-se reconhecer as contradições da realidade e esta segue inquestionada. As racionalizações têm utilidade psicológica na orientação dos indivíduos no mundo. Sua impotência frente a todo o aparato social constituiria uma dor insuportável, se fosse percebida. A compensação disso é a autoconfiança adquirida ao fazer parte de um “grupo seleta” que “sabe da verdade” e tem ideias bem professadas. As *fake news* criam esses coletivos que se unem em torno de uma ideia comum, colocando-se contra os que estão de fora e discordam das teorias (DELMAZO; VALENTE, 2018; OSMUNDSSEN *et al.*, 2020). Mas, nisso, os indivíduos regridem ao “[...] preconceito narcisista infantil de que só ‘eu’ sou bom e tudo mais é inferior ou ruim” (ADORNO, 2005, p. 111, tradução nossa).

Uma forma característica dessas opiniões é o *nacionalismo* (ADORNO, 2005). Na socialização, o narcisismo individual é reprimido; o autoelogio e o convencimento são indesejáveis. A saída é o *narcisismo coletivo* proporcionado pela ideia da nação. Porém, o tabu imposto ao narcisismo individual emperra sua elaboração e empresta um poder pernicioso ao nacionalismo. Na regressão daquele ao seu estado infantil, cada pátria é exageradamente sentida como melhor que todas as outras, como supremamente boa. O nacionalismo constitui uma falsa identificação; falsa porque rouba a individualidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). A pessoa jogada na massa persegue ideais coletivos estereotipados, que não são autenticamente seus. Isso tira do caminho o esforço individual de reflexão (ADORNO, 2015). O nacionalismo significa entregar-se àquele destino mítico, que identifica sociedade e natureza, redução própria de movimentos totalitários. Nesse sentido, as *fake news* que defendem o patriotismo aproximam-se de propagandas de movimentos fascistas – e, notavelmente, Recuero e Gruzd (2019) constataram que contas identificadas como “patriotas” em redes sociais eram grandes espalhadoras de *fake news*. Um elemento



encontrado nessas notícias – e que é uma característica do fascismo – é a construção de inimigos imaginários. Constroem-se fantasias do judeu, do comunista, do chinês, obedecendo àquela fixação maniqueísta, em que outras nações parecem ameaçadoras e são perseguidas.

A seguinte sequência de *fake news* exemplifica o nacionalismo exacerbado que busca inimigos imaginários. O site de notícias Brasil 247 publicou, no dia 23 de março de 2020, a reportagem intitulada *Xi Jinping diz que chegou a hora de a China liderar o mundo*,<sup>7</sup> baseado em reportagem do site G1.<sup>8</sup> O vídeo original reporta a conferência do partido comunista chinês, em que é decidida a presidência do país. A “liderança” mencionada parece estar ligada à procura por maior presença no cenário político-econômico mundial. A divulgação pelo site Brasil 247, no entanto, passou logo por uma correção: a publicação do vídeo no G1 era de 2017. Não obstante, o título da reportagem foi disparador de teorias conspiratórias que se espalharam e resultaram em publicações como a do site Jornal da Cidade Online, ligando a pandemia de Covid-19 em 2020 ao plano chinês para atingir os objetivos de “liderança mundial”. O final da reportagem deixa essa possibilidade em aberto: “Xi Jinping [...] parece trabalhar com o firme propósito de implementar a estratégia anunciada naquele dia. Resta saber se o Coronavírus faz parte dessa estratégia...”.<sup>9</sup> Essa suposta abertura é característica de propagandas fascistas: é dada às pessoas a liberdade de tirar suas próprias conclusões, algo ilusório, pois são direcionadas por insinuações a certa conclusão (ADORNO, 2015). O truque às faz se sentir parte de um grupo que compartilha de um segredo.<sup>10</sup>

Não obstante sua contradição, a opinião é um passo para o conhecimento. Todo pensamento vai além dos fatos, mas “[...] essa diferença entre pensamento e sua confirmação fatural abriga o potencial para a loucura assim como para a verdade” (ADORNO, 2005, p. 108, tradução nossa). A confirmação só pode ser feita por meio de mediações complexas, dificultando distinguir pensamentos bem fundamentados de meras opiniões. A superação da arbitrariedade só pode ser alcançada na relação com o objeto. “O pensamento não é mera atividade subjetiva, mas [...] o processo dialético entre sujeito e objeto, em que ambos os polos antes se determinam mutuamente. [...] Opinião é sobretudo consciência que ainda não

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.brasil247.com/mundo/presidente-da-china-diz-que-chegou-a-hora-de-o-pais-pais-liderar-o-mundo>. Acesso em 25/08/2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/presidente-da-china-diz-que-chegou-a-hora-do-pais-pais-liderar-o-mundo-6225514.ghtml>. Acesso em 25/08/2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/19488/em-2017-xi-jinping-conclamou-os-comunistas-chineses-chegou-a-hora-da-china-liderar-o-mundo-veja-o-video>. Acesso em 25/08/2020.

<sup>10</sup> O seguinte endereço discute outras *fake news* relacionadas ao caso, disponível em: <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/coronavirus-xi-jinping-diz-que-chegou-a-hora-de-a-china-liderar-o-mundo>. Acesso em 25/08/2020.

tem seu objeto” (ADORNO, 2005, p. 109-110, tradução nossa). Os conceitos devem encontrar sua confirmação na realidade, pois o pensamento que toma apenas a si mesmo como objeto opera no vácuo e se estupidifica. Algo disso está na opinião que se desenvolve entrincheirada em si mesma, baseando-se numa lógica interna que dispensa a confrontação com a realidade – confrontação que forçaria sua transformação. Insistir na opinião tende à inabilidade de deter-se, de refletir, e que pode ser chamada de “projeção patológica”.

“Em certo sentido, perceber é projetar” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 154). O mecanismo da projeção é espontâneo, inerente ao conhecimento e acompanha a humanidade em sua filogênese e ontogênese. A projeção foi usada como meio de sobrevivência; diante do perigo, o homem atribuía características ao objeto, mesmo sem conhecê-lo completamente, para proteger-se. Individualmente, seu aprimoramento é a base para distinção entre interior e exterior. Ao refletir o objeto, o sujeito o define como unidade a partir do que recebe e projeta dele; retroativamente, seu eu se forma como algo diferenciado do objeto. Portanto, o patológico não é a projeção em si, mas a ausência de sua elaboração. Sem reconhecer o objeto, o indivíduo não se reconhece, não diferencia o que é próprio do objeto e o que é projeção. Sem essa tensão, a consciência se enfraquece e o sujeito atribui ao mundo externo tudo que se encontra nele mesmo. Mas ele é formado pela objetividade hostil da práxis irrefletida, dos meios irracionais e da dominação. Frente a essas ameaças, a projeção atua como arma arcaica de autoconservação: o indivíduo adquire traços paranoicos, se opõe a tudo e crê que sua infelicidade e sua falta de sentido são externas e independentes dele. Com a regressão ao narcisismo infantil, ele se vê como o bem e enxerga, no mundo, a perdição – e não consegue se deter, pois “a ideia que não encontra apoio firme na realidade insiste e torna-se fixa” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 157). Ao criar o mundo a partir do que projeta dele, o paranoico costura tudo numa malha mítica. Nessas condições, o indivíduo é susceptível a propagandas fascistas, as quais concebem enredos que justificam a descarga das frustrações em minorias (ADORNO, 2015).

Porém, os indivíduos com tendências paranoicas não ficam sozinhos, pois compartilham suas construções de sistemas obscuros. Recorrendo a fórmulas para justificar a desgraça e para profetizar catástrofes, acreditam que elas são a salvação. Como exemplo, circula na internet uma teoria de que a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, que teve 57.796.986 votos, foi manipulada por “forças obscuras”. A evidência usada é a coincidência

dos primeiros dígitos da contagem com o ano judaico de 2018: 5779.<sup>11</sup> Essa ideia também evidencia a ambivalência do bolsonarismo frente à comunidade judaica, pois as respostas são ora positivas, ora negativas (BRENER; GOLDENBAUM; BRAIA, 2020). Ao forçar uma lógica absurda como justificativa da paranoia, os incitadores atraem mentes acostumadas a esquemas fechados da ciência e da religião. A paranoia é massificada, transformada em movimento. Constrói-se uma pseudociência ou pseudoreligião com organizações hierárquicas, cujas lideranças escolhem para os indivíduos, em sua desesperada autoconservação, onde projetar o terror que os próprios sistemas excitaram. Para Adorno (2015), “as condições prevaletentes em nossa sociedade tendem a transformar [...] a loucura moderada em uma mercadoria, que o doente pode facilmente vender, bastando que ele descubra que muitos outros têm uma afinidade com sua própria doença.” (p. 144). Esse trecho foi escrito em 1946, mas surpreende a proximidade ao que as redes sociais engendram quanto à proliferação de *fake news*: inúmeros usuários aproveitam da atração que elas exercem e, vendendo suas páginas para anunciadores, lucram com seu espalhamento (SHAO *et al.*, 2018; TANDOC JR.; WEI LIM; LING, 2018; GELFERT, 2018; BAKIR; MCSTAY, 2018; ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; DELMAZO; VALENTE, 2018).

## Conclusões

A partir das análises que se sucederam no decorrer deste artigo, intentamos esclarecer que o fascismo se faz presente no Brasil e apresenta características de adesão e expressão próprias. Em termos teóricos, o modo de operar a adesão ao fascismo continua sendo guiado pela aparência necessária à conformação da vontade e do pensamento, que é repetida incessantemente pelo modo de captura do juízo. A propaganda antisemita, que funcionou não à base da elaboração de ideias e argumentos, mas da manipulação de mecanismos inconscientes (ADORNO, 2015), opera agora dispensando inclusive as formas de manipulação.

O quadro com os elementos empíricos que apresentamos evidenciam “as disposições psíquicas dos indivíduos socializados sob o capitalismo que os tornam vulneráveis às forças e aos movimentos antidemocráticos” (ZAMORRA, 2020, p. 23), constituindo as condições para a emergência do indivíduo potencialmente fascista, suscetível às políticas que reforçam a

---

<sup>11</sup> No vídeo intitulado “5779 URNAS DE BOLSONARO VS CALENDARIO JUDAICO”, comenta-se tal teoria, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0tdVB39EuRU>. Acesso em 29/08/2020.

dominação. O conflito psíquico a que estão submetidos os socializados nesse modo de organização resulta da necessidade de sobrevivência em condições cada vez mais inseguras e frente às quais são impotentes e enfraquecidos. Por sua vez, a estrutura social dominante, que determina a produção de mobilização e de adesão, oferece aparências diversas que, entretanto, se unificam em um único modo de operação. Tem-se assim, que, para além de qualquer diferença, o que segue se mantendo como realidade é o extermínio, e, portanto, o fascismo enquanto política dominante.

O que está expresso nas *fake news*, e que é encontrado em propagandas fascistas, é nada menos que a própria destruição (ADORNO, 2015). A insistência em catástrofes não é mera coincidência, pois “o olhar fixado na desgraça tem algo da fascinação” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 190). O indivíduo se excita com a ideia da ruína, sem conseguir diferenciar a destruição do outro da destruição de si, corroborando o autossacrifício como princípio da atual civilização, que torna o ser humano um meio e o aniquila. Os perseguidos pelo fascismo são aqueles que demonstram possibilidades de superação das condições, a desnecessidade do apego aos ditames do sistema ao quais os indivíduos se identificam – como exemplo, a pátria sem fronteiras dos judeus. A dominação perdura porque os dominados tiveram que aprender a odiar suas aspirações e as projetar distorcidamente sobre aqueles que os lembram do que foi abandonado. Assim, os seguidores de tais ideias são também vítimas.

Conforme indicou Adorno (1993, p. 19), somente o “[...] olhar que se volta para o horrível, a ele resiste e diante dele sustenta, com implacável consciência da negatividade, a possibilidade de algo melhor” pode vencer o encantamento dos poderes estabelecidos. O pensamento deve resistir à opinião arbitrária e à projeção, negando-se quando percebe estar errado, não concordando consigo mesmo e insistindo nesse erro (ADORNO, 2005). A humanidade só tem esperança na superação da “autoafirmação imune à reflexão” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 164). A incapacidade de esperar por algo diverso do existente é base para a reação paranoica do fascismo, ao forçar uma angustiada reconciliação entre o indivíduo e a sociedade, que leva, na verdade, à destruição do primeiro.

## Referências

ADORNO, Theodor W. Opinion Delusion Society. In: ADORNO, Theodor. W. **Critical models: interventions and catchwords**. Tradução Henry W. Pickford. New York: Columbia University Press, 2005, p. 105-122.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução Verlaïne Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução Luiz Eduardo Bicca. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. **Primeira Versão**. Ano VI, nº 225, Volume XXI, jan-abr, 2008. Disponível em: [http://www.primeiraversao.unir.br/atigos\\_pdf/225.pdf](http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/225.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of economic perspectives**, Owensville, v. 31, n. 2, p. 211-367, 2017.

ALESSI, Gil.; HOFMEISTER, Naira. Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG. **El País**, 9 jun, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ALMEIDA, Ronaldo de. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v.38, n.01, p. 185-213, jan-abr, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-185.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ALVES Jr, Douglas Garcia. Da “personalidade autoritária” ao “novo radicalismo de direita”. In: **CULT. Dossiê personalidade autoritária hoje**. Ed. 259, p. 25-30, 2020.

AMORIM, Felipe. Inquérito das fake news no STF mira ‘máquina de desinformação’, diz Toffoli. **UOL Notícias**, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/28/inquerito-das-fake-news-no-stf-mira-maquina-de-desinformacao-diz-toffoli.htm>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BAKIR, Vian.; MCSTAY, Andrew. Fake news and the economy of emotions: Problems, causes, solutions. **Digital journalism**, v. 6, n. 2, p. 154-175, 2018.

BARRUCHO, Luis. Por que a bandeira de Israel em atos pró-Bolsonaro 'racha' comunidade judaica. **BBC News**. 8 maio, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52579809>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRAY, Mark. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini.; MORAIS, Jennifer Azambuja. Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições

presidenciais de 2018. **Anais do VI Congreso Uruguayo de Ciencia Política. Democracias en América Latina: avances, giros y contramarchas.** Montevideo, Facultad de Ciencias Sociales (UDELAR), 9-12 julho, 2019. Disponível em: [http://aucip.org.uy/wp-content/uploads/CONGRESO2019/Bonzanini\\_Azambuja.pdf](http://aucip.org.uy/wp-content/uploads/CONGRESO2019/Bonzanini_Azambuja.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta.** 2ª versão remodelada e ampliada. Porto: Afrontamento, 2015.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: das Cruzadas ao século XX.** Tradução de Luís Oliveira Santos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOITO Jr, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Revista Crítica Marxista**, n.50, p. 111-119, 2020. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie2020\\_05\\_26\\_14\\_12\\_19.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf) Acesso em: 25 mar. 2021.

BRENER, Jayme.; GOLDENBAUM, Jean.; BRAIA, Nathaniel. **O antissemitismo durante o governo Bolsonaro.** Observatório judaico dos direitos humanos no Brasil – Henry Sobel, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12kEiG1nYQBLMcNGdXPGKJsgHcHTUhKqL/view> . Acesso em: 25 mar. 2021.

CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.30, n.1, p. 65-86, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20135/10716>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CARNEIRO, Maria LuciaTucci. Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o antissemitismo no Brasil. **Cadernos de História**, v.13, n.18, p. 79-97, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2012v13n18p79/3871> . Acesso em: 25 mar. 2021.

CAVALCANTE, Savio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Revista Crítica Marxista**, n.50, p. 121-130, 2020. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie2020\\_05\\_26\\_14\\_14\\_34.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_14_34.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

FRIEDLANDER, Henry. **The origins of Nazi genocide. From euthanasia to the Final Solution.** Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1995.

GELFERT, Axel. Fake News: A Definition. **Informal Logic**, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.

HOBBSAWM, Eric John. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991).** Tradução Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KEHL, Maria. Rita. **Ressentimento.** Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2012.



LASH, Scott; LURY, Celia. **Global culture industry: the mediation of things**. Cambridge: Polity, 2007.

LAZER, David .M.J. *et al.* The science of fake news. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LINZ, Juan. Prefácio à segunda edição. In: TRINDADE, H. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 25-37, 2016.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, dez, 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010166282015000400652&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010166282015000400652&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MAAR, Wolfgang. Leo. O eclipse da política na experiência social brasileira. **Revista Margem Esquerda**, 9. Boitempo Editorial, p. 114-128, 2007.

MAIO, Marcos.Chor. **Nem Rothschild Nem Trotsky**. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARIANI, Bethania. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de *fake news* e processos de identificação. **Entremeios: revista de estudos do discurso**, Pouso Alegre, v. 17, p. 3-18, 2018.

MENDES, Aquilas.; CARNUT, Leonardo. Neofascismo, Estado e a crise do capital: o Brasil de Bolsonaro e a demolição do direito à saúde, 2020. **Anais do XXV Encontro Nacional de Economia Política**. Sociedade Brasileira de Economia Política, 13. abr., p. 1-25. Disponível em: [https://enep.sep.org.br/uploads/717\\_1583791189\\_Artigo\\_SEP\\_com\\_autoria\\_pdf\\_ide.pdf](https://enep.sep.org.br/uploads/717_1583791189_Artigo_SEP_com_autoria_pdf_ide.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020.

ODILLA, Fernanda. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? **BBC**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Acesso em: 25 mar. 2021.

OSMUNDSEN, Mathias.; BOR, Alexander.; VAHLSTRUP, Peter B.; BECHMANN, Anja.; PETERSEN, Michael B. Partisan polarization is the primary psychological motivation behind “fake news” sharing on Twitter. 25 mar. 2020. Disponível em <https://psyarxiv.com/v45bk/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RASHKIN, Hannah.; CHOI, Eunsol.; JANG, Jin Yea.; VOLKOVA, Svitlana.; CHOI, Yejin. Truth of varying shades: Analyzing language in fake news and political fact-checking. **Proceedings of the 2017 conference on empirical methods in natural language processing**. Copenhagen, p. 2931-2937, 7-11 set, 2017.

REBUÁ, Carlos E. Das normalidades: fascismo e o Brasil sob Bolsonaro. **Blog da Boitempo**, 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/25/das-normalidades-fascismo-e-o-brasil-sob-bolsonaro/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RECUERO, Raquel.; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de “Fake News” Políticas: Um estudo de caso no Twitter. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019.

SHAO, Chengcheng.; CIAMPAGLIA, Giovanni Luca.; VAROL, Onur.; FLAMMINI, Alessandro.; MENCZER, Fillipo. The spread of low-credibility content by social bots. **Nature Communications**, v.9, n.4787, 2018.

SILVA, Mauricio. Roberto. (et.al) A política de devastação e autoritarismo de Bolsonaro. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, UFSC, v.31, n.59, p. 01-15, jul-set, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e567052/40821>. Acesso em: 25 mar. 2021.

TANDOC Jr., Edson. C.; WEI LIM, Zheng.; LING, Richard. Defining “Fake News”. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.

TRINDADE, Hélio. (2016) **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão. Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 597-606, set./dez, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v22n3/1982-0259-rk-22-03-597.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ZAMORA, José A. Neoliberalismo, nacional-populismo e A personalidade autoritária. In: **CULT. Dossiê personalidade autoritária hoje**. Ed.259, p. 20-23, 2020.

*Recebido em: setembro/2021.  
Aprovado em: outubro/2021.*